

## A IMPORTANCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Maria do Carmo Gomes Vilarinho <sup>1</sup> (Núcleo de Ensino Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Rodrigues das Mercedes)

GT- 01 Práticas docentes e Profissionalização de Professores

### INTRODUÇÃO

A palavra educação tem sido utilizada ao longo do tempo, com dois sentidos social e individual.

Do ponto de vista social, é a ação que orientando sua conduta, por meio da transmissão do conjunto de conhecimentos, normas, valores, crenças, usos e costumes aceitos pelo grupo social.

Do ponto de vista individual, a educação refere-se ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada individuo, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade.

Ou seja, como nos diz Alves, numa concepção emancipatória:

*“... Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” “sus generis”, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e duro, que se estabelece a dois. Espaço artesanal”.* (Alves, 1989, p.13).

Partindo-se da palavra educação inicia-se um estudo sobre uma determinada relação, na qual tem-se que olhar não só os “atores” envolvidos, mas também o contexto onde ela está inserida, pois, dependendo do contexto ou ambiente em que tal relação se estabeleça, tem-se como possibilidade o cerceamento ou a potencialização de seus horizontes. Por isso, pode-se mencionar que durante nossa vida, estabelecem-se relações com outros viventes, com objetos, e até mesmo com instituições de diversos conteúdos. A relação que se propõe trabalhar é sem dúvida uma das mais possível e será a que ocorre em um ambiente pedagógico, a escola.

Ao relacionar-se professor e aluno remetem-se quase sempre ao ato ou processo de aprender implícito e explícito nessa relação. Para não fugir da realidade, lembre-se que também se aprende com os amigos, com os pais, com os livros, com a televisão, internet, cinema... Aprende-se sozinho, ou seja, somos professor e aluno e aluno professor, em muitas situações em momentos. “O mais aprendido, enquanto instância individual, tornou-nos mais aptos como espécime a sobreviver no mundo, enquanto na coletividade, nos permitiu educador para viver em sociedade”.

Neste ponto concorda-se com Fontana, 2000:14.

*“... tornar-se professora é um aprendizado, não um aprendizado restrito a um processo de formação escolar, e sim um aprendizado no sentido mais amplo, de*

---

<sup>1</sup> Docente da Educação Básica (Ensino Médio) de Escola Pública em Teresina-PI

*apreciação da cultura, sempre medida pelo outro e pelo que se produz nas relações sociais”. (Fontana, 2000:14).*

Assim, percebe-se que a interação professor-aluno é um processo fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino por meio da transmissão e assimilação que são fatores dominantes da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade fora da classe etc.)

Neste contexto o trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognoscitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas. Por isso o professor deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudo e as tarefas numa forma de comunicação compreensiva e clara.

Dessa forma, Veiga (2000) considera que:

*“Parece que ser professor e ser aluno extrapola a relação de ensinar-aprender os conteúdos de ensino. Mas envolve uma absorção de aprendizagens valorativas muito intensa. O importante é que haja consciência deste processo para que os protagonistas do processo pedagógico não sejam manipulados por idéias que nem sempre gostariam de servir. O professor e o aluno não podem ser engolidos pelo ritual escolar. Precisam ser sujeitos conscientes, definidos deste ritual (VEIGA, 2000:153).*

## DESENVOLVIMENTO

Ao se estudar as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula observa-se que fazem parte das condições organizativas do trabalho, ao lado de outras que se estudam. Neste contexto, ao destacar o ambiente escolar, detecta-se, que muitas vezes ele interfere no desenvolvimento e nas relações professor- aluno, pois quando a escola valoriza o professor como profissional e lhe permite melhorar seu desempenho, coloca-se em ação um mecanismo de ruptura do círculo vicioso que apresenta intransponíveis as dificuldades inerentes ao seu papel e às condições do ensino de modo geral.

É preciso que o professor se aproxime mais de seus alunos de forma a despertar neles o interesse pela aprendizagem, pois muitas vezes eles não transmitem confiança, honestidade, amizade, coragem, responsabilidade e outros valores tão importantes na educação e formação global de seus alunos.

Sabe-se que o ensino pressupõe estratégias, métodos e técnicas, processos utilizados para designar aspectos relativos ao modo de como ensinar, não havendo esses processos e reciprocidade as relações tendem a interferência, tais fatores ocultam o processo de construção de conhecimentos.

Neste contexto concorda-se com Fontana, 2000:14 quando diz:

*“...Tornar-se professor é um aprendizado, não um aprendizado restrito a um processo de formação escolar, e sim um aprendizado no sentido mais amplo, de apropriação da cultura, sempre mediada pelo outro e pelo que se produz nas relações sociais”. (Fontana, 2000:14).*

A interação professor- aluno é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: A transmissão e assimilação, fatores dominantes da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe etc).

Assim, pode-se ressaltar dois aspectos da interação professor- aluno no trabalho docente: O aspecto cognoscitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos) e o aspecto sócio- emocional (que diz respeito às relações pessoais entre professor e alunos e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente).

Entende-se por cognoscitivo o processo ou o movimento que transcorre no ato de ensinar e no ato de aprender, tendo em vista a transformação e a assimilação de conhecimento. Nesse sentido ao ministrar aulas o professor sempre tem em vista tarefas cognitivas colocadas aos alunos: objetivos da aula, conteúdos, problemas, exercícios. Os alunos, por sua vez, dispõem de um grau determinado de potencialidades cognitivas, conforme o nível de conhecimentos já assimilados etc.

O trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas. Para isso o professor deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudo e as tarefas numa forma de comunicação compreensível e clara.

Quanto aos aspectos sócio - emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula (disciplina). Não se está falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula o professor se relaciona com o grupo em especial ou que os alunos trabalham individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos, os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

O professor tem a função de instigar, desequilibrar e auxiliar os avanços que naturalmente não ocorriam. A intervenção tanto do professor como dos demais alunos é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. Como coloca Oliveira (1993), quando trata do papel da intervenção pedagógica, baseada em Vygotsky:

*“O professor tem o papel explícito de interferir no desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vigotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares que ocorrem na escala- demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções –são fundamentais na formação do “bom ensino”. (Oliveira, 1993, p. 62).*

Na sala de aula percebe-se que o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos e escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondem a elas como sujeitos ativos e independentes.

A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la. Portanto entende-se que um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo.

A disciplina da classe depende do conjunto dessas características do professor, que lhe permite organizar o processo de ensino. Entre os requisitos para uma boa organização do ensino destacam-se: Um bom plano de aula, onde estão determinados os objetivos, os conteúdos, os métodos e procedimentos de condução da aula; a estimulação para a aprendizagem que suscite a motivação dos alunos; o conjunto de normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho escolar favorável ao ensino e controlar as ações e o comportamento dos alunos.

Além de determinar o que farão o professor e os alunos no período escolar, o plano de aula regula a distribuição do tempo, a passagem planejada de uma atividade para outra. Dessa forma, o professor e os alunos como que antecipam o andamento sistemático da aula, reduzindo as interferências, as conversas inadequadas e as desobediências.

E assim, a motivação dos alunos para a aprendizagem, através dos conteúdos significativos e compreensivos para eles, bem como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e indisciplina.

Para que haja controle da aprendizagem exige todos esses requisitos e implica também o permanente acompanhamento das ações dos alunos. O trabalho docente deve ter em vista a ajuda aos alunos nas suas tarefas. Pois, controle sem ajuda pode provocar insegurança nos alunos, que às vezes se sentem cobrados a um desempenho para o qual não foram suficientemente preparados. Por outro lado, a ajuda sem controle não estimula os alunos a progredir e vencer as dificuldades.

Neste sentido entende-se que a aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente dos alunos, o estudo muitas vezes não é uma tarefa que eles cumpram com prazer. Por mais que o professor consiga a motivação e o empenho dos alunos e os estimule com elogios e incentivos, freqüentemente deverá obrigá-los a fazer o que eles não querem. Neste caso, os alunos devem estar cientes de que o não cumprimento das exigências terá conseqüências desagradáveis.

Além desses requisitos, que bem, encaminhados, contribuem para a manutenção do necessário clima de trabalho, há necessidade de normas explícitas de funcionamento da classe. Tais normas não devem ser tomadas como o único meio de controle da classe, como fazem muitos professores inseguros. Neste caso o professor precisa compreender que a ação de educar, para se ajudar alguém em seu caminho para educar-se deve necessariamente estar implícito a alteracidade e assim o sendo, ser uma relação dialogada. Pois, educar- homens- assim colocado está associado com plenitude e o que tem-se de mais pleno em educação é o educar para a cidadania.

A educação que se pratica e/ou que se sofre é ideologia, intencional, reflete os valores em que se acredita e os valores que perpassam o ambiente em que é educado. Portanto, por trás de cada prática há, na realidade, uma teoria. E esta teoria traduz uma ideologia.

Segundo Berger e Liston

*“Como educadores, somos sempre e necessariamente atores morais (...). Somos confrontados diariamente com uma série de escolhas que exigem o desenvolvimento de razões que sustentem um curso de ação em detrimento de outro e cujo resultado pode ter profundas e duradouras conseqüências”.* (Beger e London, 1993.p.96).

Como dar significado é um aspecto subjetivo, individual, todo próprio do ser no seu processo de aprendizagem, pois lhe é decorrente e recorrente de sua leitura de mundo e do tempo pessoal. Deve-se prosseguir, pelo menos os que vivem na educação, numa perder de vista o homem, pois procedendo assim, se estar vivenciando o processo de aprendizagem significativa. Os possíveis resultados e horizontes dessa ação são realmente motivadores, mas o que se deve mover para se conseguir tal educação é o sentimento de amor ao próximo.

Neste sentido, é pertinente acompanhar a reflexão de Freire:

*“Não há educação sem amor. O amor implica a luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados, não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Não se pode temer da educação quando se ama”.* (Freire, 1979,p.21).

Para ser verdadeira e humana tal relação e claro, o processo de aprendizagem, deve “nascer” com o estabelecimento da mesma. Ela nasce pelo dialogismo dos participantes, na ação de conscientizando mútua- não só da responsabilidade e inteireza de cada um deles – mas também do que se pretende da relação em si; pelo respeito mútuo, para que mutuamente propiciem seu dever homem pela relação. Isto só se dará com o rompimento da “situação – limite” imposta pelo imaginário coletivo; se dará com a ação do docente em fazer acontecer o “inédito viável”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado teve como objetivo maior analisar a importância da relação professor- aluno no processo ensino –aprendizagem na escola. Realizado o estudo, conclui-se que a relação professor- aluno no âmbito da escola tem importância no processo ensino – aprendizagem, pois quanto mais o professor aproxima-se do aluno, mais influencia ele tem sobre seu comportamento. E recuperar no professor a qualidade da relação com o aluno é fundamental para melhorar a construção de conhecimento de seus alunos, visto ser através da interação social que se aprende, pois enquanto a relação passa pela interação, a aprendizagem acontece no processo relacional com o outro oportunizando assim, a troca de experiências.

Sabe-se que o ensino pressupõe estratégias, métodos e técnicas, processos utilizados para designar aspectos relativos ao modo de como ensinar, não havendo esses processos e reciprocidade as relações tendem a interferência, tais fatores ocultam o processo de construção de conhecimento.

Para ajudar aos outros em seus processos de aprendizagem, faz-se necessário lembrar que, como todos os alunos que hoje encontram-se nos bancos escolares, também já frequentara estes lugares de como, já naqueles tempos, lutara para as coisas se consumassem de forma diferente.

Deve-se não só lembrar, mais vivenciar as emoções em que um dia fora criança e saber que a felicidade transbordava, pois vivia no mundo de possibilidades, de brincar e experimentar sem medo de errar. Talvez assim percebendo, possa libertar o coração da muralha que se mantém para proteger-se de um mundo que não faz sentido.

Enfim, é bom lembrar que a capacidade de amar ficou para todos.

O tema “A relação professor- aluno” interessa a todos que trabalham na educação, sobretudo àqueles que lidam na sala de aula e na gestão escolar, principalmente da educação básica.

Diante do exposto, espera-se que este estudo venha influenciar numa reflexão sobre a relação professor aluno na escola para a melhoria da construção do conhecimento. A análise e o estudo deste é, pois o objetivo deste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem, Conversas com quem gosta de ensinar, São Paulo: Cortez, 1989.  
 -----Alegria de Ensinar, São Paulo: Cortez, 1994.  
 -----Estórias de quem gostas de ensinar, São Paulo: Moderna, 1996.
- BEYER, London E. e LISTON, Daniel P. Discurso ou Ação Moral? Uma Crítica ao pós – modernismo em educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.) .Teoria Educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: Artes médicas, 1993. P 96.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à pratica educativa 12. ed. R.J: Paz e Terra, 1995.
- FONTANA, R. C., Descobrimdo o gosto de ser professora. IN: Revista Presença Pedagógica.
- GADOTTI, M. Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na atual sociedade brasileira. Revista Educação e Sociedade, Ano 1, n. 1, pp. 5/16, 1978.
- GRAMSCI A. Caderno 12. Apresentação, comentários e Revisão da Tradução, por Paolo Nosella. Universidade Federal de São Carlos, 1989.
- LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e Modernidade: Presente e futuro da escola. IN: Infância, escola e modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.
- MOREIRA, A. F. B. Currículo, conhecimento e Trabalho uma trajetória e algumas reflexões. Trabalho apresentando no GT de currículo do XIV Reunião Anual da ANPED, São Paulo, 1991.
- OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um processo Sócio- histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
- PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional Ática, São Paulo. 1995.
- REVISTA PÁTIO. Porto Alegre. Ano VI, nº 23 Set/Out. Art. Med. Editora S.A. 2002.
- VEIGA, Ilma P-A (org.) Repensando a didática, Campinas S.P. Papirus, 2000.